



Foto: Johan Opdebeck

Pesquisadores coletando dados para a reconstrução do sítio em 3D

Uma visita ao Sítio do Combate Naval de Itaparica

Por: Rodrigo Torres¹,
Gustavo Wagner² e
Samila Ferreira³

28 de setembro de 1648, período tardio da ocupação holandesa do nordeste brasileiro (1624 – 1654), meio-dia: Duas fragatas portuguesas enviadas para patrular a entrada da Baía de Todos os Santos avistam no horizonte à nordeste uma frota holandesa de sete velas que, sob o comando do almirante holandês Witte de With, buscava no mar reverter as vitórias que os portugueses haviam conseguido em terra. Em desvantagem e sem ordens para entrar em combate, as duas embarcações da frota portuguesa do Conde de Vilapouca de Aguiar, a Nossa Senhora do Rosário e a São Bartolomeu, buscam abrigo no porto de Salvador, iniciando uma perseguição clássica do tempo da marinharia a vela.

3 horas da tarde, abordagem: Após a evolução de curtas manobras e um rápido ataque, os navios holandeses Utrecht e Huys van Nassau flanqueiam a belonave portuguesa Nossa Senhora do Rosário. Em perigo de ser capturado, o capitão da Rosário, Frei Pedro Carneiro, opta então pela decisão extrema de atear fogo ao paiol de pólvora, sacrificando a própria embarcação na tentativa de danificar os navios inimigos antes de ser dominado.

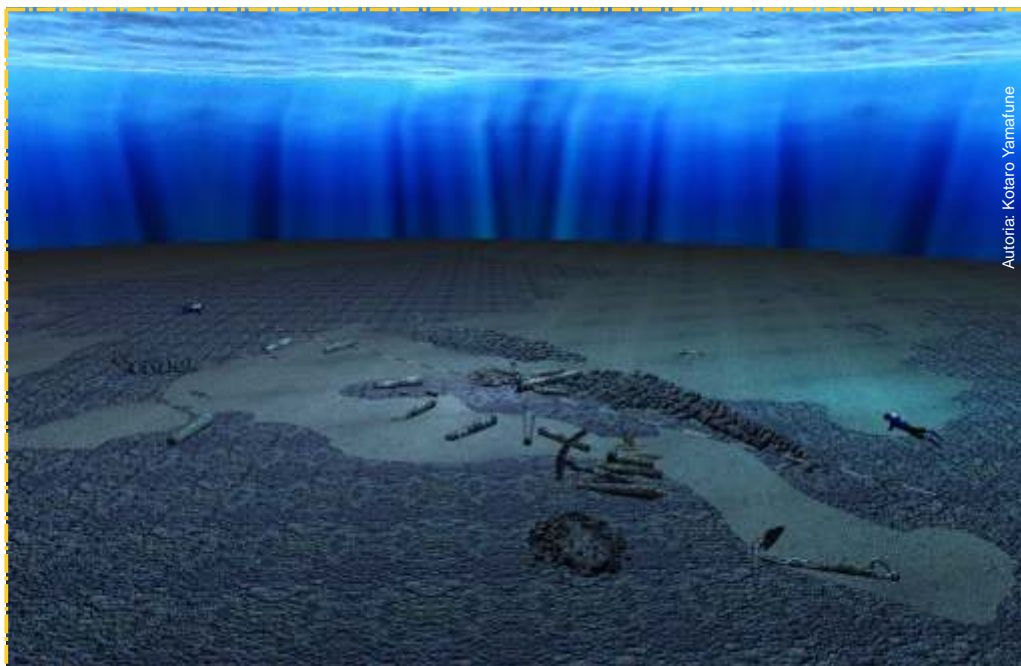
Como resultado da explosão, tanto a Nossa Senhora do Rosário quanto a Utrecht afundaram no local, sendo grandes as perdas humanas nesta batalha, num total de cerca de 400 portugueses e 150 holandeses. A Huys van Nassau, severamente danificada após a explosão, afastou-se à deriva e acabou sendo capturada e reparada pelo almirantado português sob o nome de Fortuna. O segundo navio português, o São Bartolomeu, foi abordado pela holandesa Overijssel ao tentar navegar de volta para o porto e, depois de um combate corporal, ambos os capitães morreram tendo a São Bartolomeu sido tomada pelos holandeses.

Hoje os restos das embarcações do Combate Naval de Itaparica encontram-se a uma profundidade de aproximadamente 20 metros ao largo da Baía de Todos os Santos, constituindo um fantástico ponto de visita para mergulhadores recreacionais, técnicos e turistas subaquáticos que podem ir conhecer o sítio praticamente todos os dias do ano.

Severamente perturbado por caçadores de tesouros durante a década de 1980, o sítio nunca foi adequadamente estudado quanto ao seu potencial

de pesquisa, não havendo atualmente qualquer publicação sobre as intervenções realizadas àquela época. Desde 2007, entretanto, sua importância para história marítima e da tecnologia náutica atraiu a atenção de pesquisadores de instituições brasileiras e internacionais para elaboração de um esforço de pesquisa que tem como objetivos estudar o potencial de pesquisa do sítio, avaliar o estado geral de conservação do material arqueológico e propor medidas futuras de preservação e patrimonialização.

Como parte das ações do projeto Mapeamento e Registro do Sítio de Naufrágios do Combate Naval de Itaparica, BA, que conta com a participação de pesquisadores do Laboratório de Reconstrução de Navios da Universidade do Texas A&M, EUA, da Agência do Patrimônio Cultural Holandês e do Museu de Arqueologia e Etnologia da UFBA, instituição científica responsável pelo projeto, foi realizada em dezembro de 2012 uma série de mer-



Autoria: Kotaro Yamafune

Modelo virtual do sítio da nau Utrecht.

gulhos não interventivos para o registro do sítio. Este trabalho, ao mesmo tempo em que demonstrou a riqueza de informações arqueológicas e o potencial de pesquisa no sítio, permitiu também o intercâmbio de conhecimento especializado entre estudantes, profissionais e gestores envolvidos no estudo e preservação de sítios arqueológicos submersos na Baía de Todos os Santos.



Foto: Lizete Dias

Equipe de arqueólogos-mergulhadores prontos para entrar na água



Foto: Thijs Coenen

Arqueólogo estudando as pedras de lastro no sítio da nau Utrecht



Foto: Rodrigo Torres

Elaboração do mapa geral do sítio.

¹ Laboratório de Reconstrução de Navios, Universidade do Texas A&M, EUA.

² Museu de Arqueologia e Etnologia – MAE/UFBA.

Editorial

Nesta edição, o Boletim Informativo do MAE/UFBA traz como matéria de capa, um pouco da história do Sítio do Combate Naval de Itaparica, que vem sendo pesquisado no Projeto realizado pelo MAE. Também aproveitamos para homenagear as mulheres pelo dia 08 de março, contando a história de Betty Meggers, renomada arqueóloga. As restauradoras Celina e Mara, escrevem sobre as atividades de conservação e restauro, e, contamos com o artigo da Doutora em Antropologia Biológica, Teresa Mendonça, sobre a Coleção Osteológica da Antiga Igreja da Sé. Para diversificar, nesta edição destacamos um documentário: À sombra de um O Delírio Verde: Guarani-Kaiowá.

Boa leitura!

Museu de Arqueologia e Etnologia

Sobre o MAE

O MAE recebeu em doação, na data de 20 de dezembro de 2012, pela Sra. Lídia Calderón (viúva do Prof. Valentin Calderón) publicações, fotos, negativos, correspondências, mapas, slides, cadernos de campo, jornais, 01 lamina de machado e outros documentos de projetos realizados por este importante arqueólogo. Documentos que contribuem para contextualizar o desenvolvimento da arqueologia na Bahia. Estes documentos doados, após higienização, catalogação e inventariação estarão a disposição do público interessado.



Valentin Calderón

Despedida

Finalizou no MAE/UFBA, no mês de janeiro, a colaboração da mediadora Aline Souza que completou sua graduação em Museologia. A esta nova profissional Museóloga nossos sinceros agradecimentos pela competência e disposição. Esperamos muitíssimo no futuro continuar desenvolvendo novas parcerias.

Em foco

A Arqueóloga Betty Meggers

Por Antonio Marcos Passos

No mês de março, mês de homenagens às mulheres, o MAE lembra a contribuição de Betty Jane Meggers, que nasceu em 05 de dezembro de 1921 e faleceu em 07 de julho de 2012 nos Estados Unidos. Esta importante personagem da história da Arqueologia graduou-se na Universidade da Pensilvânia em 1943, concluiu o mestrado pela Universidade de Michigan 1944 e doutorado na Universidade de Colúmbia em 1952, com a dissertação "A sequência arqueológica da Ilha de Marajó, Brasil, com uma referência especial à Cultura Marajoara".

Na década de 60 Betty Meggers com outros arqueólogos funda e coordena de 1965-1970 o PRONAPA (Projeto Nacional de Pesquisas Arqueológicas), projeto que teve também a participação do arqueólogo Valentin Calderón, que realizou trabalhos em diversas partes da Bahia e Pernambuco.

Em 1971 Betty Meggers publicou o livro "Amazônia: A Ilusão de um



Paraíso", dominou a antropologia amazônica até os anos 1980. Cria em 1977 o PRONAPABA (Projeto Nacional de Pesquisas Arqueológicas na Bacia Amazônica). A partir de 1979 funda e coordena a Fundação Taraxacum, de apoio à pesquisa.

O trabalho de Betty Meggers contribuiu para gerações de arqueólogos em todo o Brasil. Esta arqueóloga recebeu inúmeros títulos e prêmios em diversos países da América do Sul e do Norte.

Fonte: Instituto Anchieta de Pesquisa – Pedro Ignácio Schmitz

Ficha Técnica

MAE/UFBA

Direção

Carlos Caroso

Museólogo

Antônio Marcos Passos

Restauração

Mara Lúcia C. Vasconcellos (Restauradora)
Celina Santana (Técnica de Restauração)

Corpo Funcional

Edmilson Ribeiro (Porteiro)
Geovane Hilário da Silva (Eletricista)
Helio Cerqueira Sousa (Porteiro)
Alice Gomes (Assistente de Administração)
Izania Santos (Assistente de Administração)
Regina Lemos (Secretária Administrativa)

Corpo Técnico de Nível Superior

Gustavo Wagner (Prof. Dr. em Arqueologia)

Estudantes Bolsistas

Aila Canto (Museologia)
Anne Alencar (Ciências Sociais)
Hildelita Marques (Museologia)
Maíara Dias (Ciências Sociais)
Tamires Pacheco (Museologia)

Redação

Alice Meira Gomes
Antônio Marcos Passos
Celina Santana
Mara Lúcia C. Vasconcellos

Diagramação

Alice Meira Gomes

Funcionamento: Segunda à sexta, das 09h às 17h.
Terreiro de Jesus, s/n, Prédio da Faculdade de Medicina da Bahia - Pelourinho. 40025-010. Salvador-BA. Tel.: 71 3283-5530
mae@ufba.br | www.mae.ufba.br

Acontece no Museu: Conservação e Restauro

Por Celina Santana e
Mara Vasconcellos

Desde sua reestruturação em setembro de 2012, o Laboratório de Conservação e Restauro do MAE UFBA vem desempenhando atividades relativas à preservação das coleções etnológicas e arqueológicas. A partir de um diagnóstico do estado de conservação do acervo e dos espaços destinados à exposição e à reserva técnica, vem sendo traçado um plano de ação a médio e longo prazo para as coleções do museu.

No mês de novembro, a reserva técnica do acervo arqueológico, atualmente localizada no Instituto Federal da Bahia (IFBA), foi realocada para outro espaço dentro da mesma instituição. Na ocasião, as embalagens que estavam em bom estado foram higienizadas, e aquelas danificadas foram substituídas por caixas novas de polionda, para um

acondicionamento mais adequado das coleções.

Atualmente, o trabalho está direcionado para as intervenções nos objetos selecionados para a nova exposição de longa duração do MAE, que será inaugurada em 7 de março. Foram efetuadas, até o momento, a higienização, através de limpeza mecânica, de peças pertencentes às coleções Waujá e Pedro Agostinho. Uma intervenção mais incisiva foi realizada no objeto Tonã, vestimenta ritual pertencente à coleção Pankararé. Composta por fibras vegetais e têxteis e plumária, a peça passou por um processo de imunização e consolidação, devido à infestação ativa por agentes biológicos que conferiu fragilidade a sua estrutura.

Paralelamente, o Laboratório de Conservação e Restauro vem

elaborando projetos e ações em conjunto com os setores de Arqueologia e Museologia do museu.



Consolidação do Tonã

Peças do acervo MAE em Destaque

Arqueologia



Cachimbo

Coleção: AAPHB - Associação de Arqueologia e Pré-história da Bahia

Origem: Pilão Arcado - Bahia

Material: Argila

O achado é fruto da parceria entre a Companhia Hidroelétrica do São Francisco (CHESF) e, a AAPHB, que realizaram o projeto Sobradinho de Salvamento Arqueológico na área a ser inundada pelo grande lago do Reservatório Sobradinho. O cachimbo é decorado com formas antropomórficas, possuindo somente o forninho completo. A parte superior do forninho apresenta uma borda muito larga, reduzindo desta forma o diâmetro do forninho. As formas antropomórficas em número de duas, aparecem lateralmente de forma equidistante, entremeadas por frisos e pontos em relevo.

Colar

Coleção: Pankararé

Origem: Não informado

Material: Sementes, dentes de animal, cordel natural, tubos de plástico.

Adorno de pescoço, cujos componentes ornamentais se distribuem por toda a extensão do cordel de sustentação; tipo peitoral (os elementos de destaque decorativos se concentram no meio da peça, pendentes sobre o peito). Adereço pessoal definidor da condição etária, sexual, social e étnica; confeccionado com materiais de origem vegetal, animal e produtos industriais; dispostos em forma cíclica com fio vegetal possui pequenos pedaços de material industrial, na cor vermelha e verde, que intercalam-se com pequenas sementes, na parte que alcança o peitoral as sementes grandes unem-se a dentes de animais intercalados por sementes pequenas.



Etnologia

As Comemorações dos 30 Anos do MAE - UFBA



Ao iniciar o ciclo comemorativo dos 30 anos de sua fundação, o Museu de Arqueologia e Etnologia da UFBA, que coincide com os 460 anos do início da construção do Colégio dos Jesuítas, em cujos vestígios arquitetônicos se encontra implantado, o MAE reabre suas exposições que foram requalificadas com o patrocínio do Programa Petrobras Cultural. Nesta ocasião serão homenageados o Professor Pedro Agostinho, com a atribuição de seu nome à Ala Expositiva Sul; o Professor Valentim Calderón, que terá seu nome atribuído à Ala Expositiva Leste; e ao recém-aposentado servidor Antonio Matias, primeiro funcionário do MAE, que terá seu nome atribuído à Ala Expositiva Norte. A concepção e montagem das exposições tiveram valiosas contribuições ao longo dos últimos anos. Inicialmente por meio da equipe composta pelo Prof. Carlos Caroso (Antropólogo), Prof. Carlos Etchevarne (Arqueólogo), Carlos Gregório da Souza (Arquiteto), Ricardo Sans LLaurado (Designer), Angela Pititinga e Carine Moraes (Museólogas da Empresa Doc-Expõe), Luciana Messeder (Museóloga), Prof. Fabiana Comerlato (Arqueóloga), Débora Rangel (Produção de Imagem) e Regina Lemos (Secretárias). Mais recentemente juntaram-se à equipe do MAE Antonio Marcos Passos (Museólogo), Prof. Gustavo Wagner (Arqueólogo), Alice Meira Gomes

(Produção de imagens), Mara Vasconcelos (Restauradora) e Celina Rosa (Técnica em Conservação). Contou ainda com contribuições das estagiárias Priscila Pereira, Anne Alencar, Aline Souza, Aila Canto, Thaianne Almeida e Maiara Pereira.

A intervenção ora realizada visou destacar e valorizar os importantes vestígios arquitetônicos da edificação em que o MAE se encontra instalado, renovar o mobiliário e equipamentos expositivos, passando a incluir meios interativos que permitem melhor informar e entreter visitantes de todas as faixas etárias, tornando a visita uma experiência de mergulho na história dos povos que contribuíram para a formação das diversidades e identidades que compõem a Nação Brasil.

Nesta nova feição que é dada às exposições do MAE, a exposição etnológica destaca os modos de vida das sociedades Pankararé (Bahia), Kamayurá e Waujá (Parque Nacional do Xingú – Mato Grosso), permitindo aos visitantes obter informações sobre as áreas geográficas em que estes povos se encontram localizados, dimensão de suas populações, família linguística a que se filiam, além de aspectos relevantes de sua cultura material e imaterial. Cumprindo este mesmo papel de socializar o conhecimento, incorpora novos objetos, artefatos e formas de expor a suas exposições de arqueologia pré-colonial e colonial.

Documentário em destaque



À Sombra de um Delírio Verde – Guarani Kaiowá

Produzido pelo jornalista Cristiano Navarro, a repórter belga An Baccaert e o cinegrafista argentino Nicolas Muñoz o documentário À sombra de um delírio verde, apresenta um belo trabalho sobre a situação dos Guarani Kaiowá.

Este grupo indígena enfrenta em suas terras a ação das transnacionais do agronegócio da cana-de-açúcar e seus efeitos no contexto de violência no estado.

Neste documentário o público pode perceber o quanto ainda no século XXI estamos longe das conquistas de direitos para os grupos indígenas frente ao lucro da grande indústria do etanol, noticiado como combustível “limpo” e ecologicamente correto.

Tempo: 29 min

Países: Argentina, Bélgica e Brasil

Narração: Fabiana Cozza

Direção: An Baccaert, Cristiano Navarro, Nicola Muñoz

Fonte: site Caos em Rede

Artigo

A Coleção Osteológica Antiga Igreja da Sé *Por Teresa Cristina Mendonça**

Foto: Benjamin Malock. (Arquivo MAE-UFBA).

Sé Primacial do Brasil em 1860 localizada na Cidade Alta.

A Igreja da Sé, demolida na segunda metade do ano de 1933, destacou-se como espaço religioso, político e social e pela localização estratégica serviu de fortificação para portugueses e espanhóis durante as invasões holandesas.

O sítio arqueológico Antiga Igreja da Sé foi descoberto em 1993. As escavações foram iniciadas em julho de 1998 e concluídas em fevereiro de 2001.

A Coleção Osteológica Antiga Igreja da Sé que se encontra sob guarda do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade Federal da Bahia (MAE-UFBA) vem sendo estudada desde 2001. Mais recentemente, a referida coleção foi estudada por Teresa Cristina Mendonça, Dra em Antropologia Biológica e pesquisadora associada do MAE-UFBA. Os resultados de seu estudo se encontram na tese de doutoramento intitulada "Nuanças da vida e da morte no cotidiano da cidade de Salvador da Bahia Seiscentista: a busca de evidências em um estudo paleobiológico", que foi defendida e

aprovada na Universidade de Coimbra em novembro de 2012. No estudo foram analisadas as características demográficas e patológicas de cento e cinquenta e nove indivíduos inumados na Igreja da Sé.

A análise demográfica revelou que vinte e cinco por cento dos indivíduos que foram enterrados naquele templo religioso tinham menos de dezenove anos de idade, sete por cento eram crianças com menos de seis anos de idade e cinquenta e um por cento se encontravam em idade adulta. A presença de indivíduos com mutilações dentárias é um provável indício da procedência africana de um significativo número dos que ali foram enterrados, fato este que pode ser associado ao intenso tráfico de pessoas escravizadas iniciado no período colonial.

Os estudos realizados constataram fortes evidências ósseas de stress nutricional nas crianças e

adolescentes, um indício da dieta inadequada. Os sinais de infecções não específicas foram visualizados nos indivíduos não adultos e adultos. As lesões traumáticas cranianas e pós-cranianas estão presentes. Estas lesões podem resultar de esforço físico, acidentais ou serem decorrentes de violência. Evidências de desgastes articulares foram observadas, o que poderá significar atividade física mais intensa e com maior exigência de esforço. A perda dentária antes da morte, o desgaste dentário, a cárie dentária e os sinais de doença periodontal permitiram inferir sobre o tipo de dieta à época.

O tamanho das amostras não permitiu análises estatísticas comparativas significativas, mas foram observadas pequenas diferenças entre o tempo de vida dos indivíduos das amostras, a susceptibilidade à doença e o estado de saúde nos indivíduos.

**Graduada em Odontologia pela Universidade Federal da Bahia, Mestre em Saúde Coletiva pelo Programa de Pós-graduação em Saúde Coletiva da Universidade Estadual de Feira de Santana. Doutora em Antropologia Biológica pela Universidade de Coimbra. Atualmente pesquisadora associada ao Museu de Arqueologia e Etnologia na UFBA.*